



Instituto Superior de Ciências da Saúde
Curso de Pós-Graduação em Terapia Transpessoal

Luciano Raymundo de Almeida Gouveia

Peter Pan

Um Estudo do Arquétipo Puer Aeternus

Salvador/Bahia

2012

Luciano Raymundo de Almeida Gouveia

Peter Pan

Um Estudo do Arquétipo Puer Aeternus

**Monografia apresentada ao Instituto
Superior de Ciências da Saúde (INCISA)
como requisito parcial para obtenção do
título de Pós-Graduação em Terapia
Transpessoal.**

Orientadora: Aline Rodeiro Leal

Salvador/Bahia

2012

Luciano Raymundo de Almeida Gouveia

Puer Aeternus

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Pós-graduado em Terapeuta Transpessoal no Instituto Superior de Ciências e Saúde pela Banca Examinadora formada pelos seguintes professores:

Professor	Título	Instituição
-----------	--------	-------------

Professor	Título	Instituição
-----------	--------	-------------

Salvador/Bahia

2012

Resumo

A história de Peter Pan fala de um menino fascinante, quase adolescente, mas com a subjetividade egocêntrica de uma criança pequena. Os contos de fadas representam os arquétipos em sua forma mais plena, concisa e simples. Nesse contexto, Peter Pan representa o arquétipo do 'Puer Aeternus', também conhecido como Eterno Adolescente ou Eterno Jovem. O homem que se identifica com este arquétipo se comporta de maneira adolescente, levando para a fase adulta características comuns à fase da adolescência e permanecendo, na maioria dos casos, dependente da mãe. Não obstante a cura do Puer seja sua união com seu extremo oposto, o arquétipo Senex, na história de Barrie o Puer, na figura do Peter Pan, vence o Senex, representado pelo Capitão Gancho, e o ciclo do masculino reinicia-se sem ser transformado. Peter Pan permanece num estado infantil de desenvolvimento vinculado ao problema do complexo materno.

Palavras-chave: Puer Aeternus; Arquétipo; Peter Pan.

Abstract

The story of Peter Pan tells about a fascinating boy, almost adolescent, but with the self-centered subjectivity of a little child. Fairy tales represents the archetypes in its fullest, concise and simple form. In this context, Peter Pan represents the archetype of Puer Aeternus, also known as Eternal Teenager or Eternal Young. The man who identifies with this archetype behaves as a teenager, leading to adulthood the characteristics common to adolescence and remains, in most cases, dependent on his mother. Notwithstanding the healing of the Puer is its union with its opposite extreme, the archetype of Senex, in the Barrie's history the Puer, represented by Peter Pan, wins the Senex, represented by Captain Hook, and the cycle of the masculine restarts without being transformed. Peter Pan remains in an infantile stage of development linked to the problem of maternal complex.

Key-words: Puer Aeternus; Archetype; Peter Pan.

Sumário

1	Introdução	07
2	Desenvolvimento	09
	2.1 A Estrutura da Personalidade.....	09
	2.2 Os Arquétipos nos Contos de Fadas.....	13
	2.3 Peter Pan.....	14
	2.4 Peter Pan e O Arquétipo do Puer Aeternus.....	16
	2.5 Puer x Senex.....	22
3	Conclusão.....	25
4	Referências.....	27

1. Introdução

O presente trabalho tem o intuito de abordar as características do arquétipo do eterno jovem, o Puer Aeternus. Esse tema foi escolhido pela importância do conhecimento desse arquétipo para a prática terapêutica. Pessoas identificadas com esse arquétipo tendem a ter dificuldade no processo de desenvolvimento emocional, espiritual e social. Tendem a resistir ao processo de tornar-se adulto.

Pretende-se com este trabalho mostrar a importância do conhecimento dos conceitos Junguianos, em especial dos arquétipos, para ter um olhar transpessoal sobre as questões psicológicas do ser humano. A observação dos arquétipos aos quais um indivíduo se identifica permite entender melhor a forma como este se comporta e permite, também, estabelecer com mais perícia a forma de resolução de questões tidas como impedimentos ao processo de individuação.

Já que os contos de fadas representam os arquétipos em sua forma mais plena, concisa e simples, neste trabalho o arquétipo do eterno jovem foi abordado vinculando-o ao personagem Peter Pan, a fim de compreender melhor as suas características e comportamentos.

A história de Peter Pan foi escrita por James Matthew Barrie. O conto fala de um menino fascinante, quase adolescente, mas com a subjetividade egocêntrica de uma criança pequena; um personagem que é mais preocupado em ser amado e obedecido do que cuidar e liderar com sabedoria.

Nesse contexto, Peter Pan representa o arquétipo do 'Puer Aeternus', também conhecido como 'Eterno Adolescente' ou 'Eterno Jovem'. Para a psicologia Junguiana compreende-se figura do eterno jovem como a forma de Puer Aeternus, que é o termo usado para identificar o jovem com complexo materno fora do comum que se comporta de maneira típica. O homem que se identifica com este arquétipo se comporta de maneira adolescente, levando para a fase adulta características comuns à fase da adolescência e permanecendo, na maioria dos casos, dependente da mãe. (YEOMAN, 1998) (VON FRANZ, 1915)

Em “O Livro do Puer – Ensaios sobre o arquétipo do Puer Aeternus” (1926), James Hillman caracteriza a personalidade do Puer Aeternus como sendo narcisista, inspirado, efeminado, fálico, inquisitivo, inventivo, pensativo, passivo, feroso e caprichoso. Ele conceitua esse arquétipo como aquele que personifica ou está em relação especial com os poderes espirituais transcendentos do inconsciente coletivo. Segundo Hillman, figuras Puer podem ser vistas como avatares do aspecto espiritual do Self.

Marie-Louise Von Franz (2011) descreve o Puer Aeternus como sendo o arquétipo do eterno deus da juventude. Tal arquétipo caracteriza-se por uma aspiração nostálgica à morte. É o arquétipo da pessoa que pensa em si mesmo como sendo muito especial, o Ser sensível em meio à brutalidade dos demais, mas mesmo que ela se sinta especial, quanto maior a identificação com esse arquétipo menos individual ela é. Essas pessoas costumam projetar os aspectos de sua sombra agressiva e destrutiva, pois não querem vivê-la.

2. Desenvolvimento

2.1 A Estrutura da Personalidade

Jung considera como Psique a personalidade como um todo e, ao contrário do que outras vertentes teóricas possam defender, para a teoria junguiana o homem já nasce um todo. A psique abrange todos os pensamentos, sentimentos e comportamentos, conscientes e inconscientes. A psique é um sistema autorregulador que compreende o consciente e o inconsciente, sendo o ego o centro da consciência e o Self o centro de toda a personalidade. Conteúdos conscientes podem ir para o inconsciente e vice-versa. Através do ego tudo se torna consciente. (PAVONI, 1989)

A consciência é, muito simplesmente, o estado de conhecimento e entendimento de eventos externos e internos. É o estar desperto e atento, observando e registrando o que acontece no mundo em torno e dentro de cada um de nós. O oposto de consciência é o sono profundo e sem sonhos, a ausência total de reatividade e da capacidade de perceber e sentir. E a permanente ausência de consciência de um corpo é praticamente uma definição de morte, exceto em casos de prolongado coma. A consciência, mesmo que se trate apenas do potencial para consciência futura, é o "fator vital"; ele pertence a corpos vivos. (STEIN, 2006)

O consciente e o inconsciente existem num estado de interdependência, de forma que o equilíbrio de um depende do equilíbrio do outro. A diminuição ou danificação na conexão entre os dois gera doença e ausência de significação. (NICHOLS, 2001)

A consciência é a única parte da mente que o indivíduo conhece diretamente. Tal conhecimento da própria estrutura consciente é chamado de processo de individuação e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento psicológico. Uma pessoa esquecida de si mesmo é uma pessoa pouco individualizada e, ao contrário, uma pessoa muito consciente de si é uma pessoa mais individualizada. O ego é um instrumento seletivo através do qual os conteúdos inconscientes se tornam conscientes. A individuação só acontece se o ego permitir que o material recebido se torne consciente. O ego é a organização da mente

consciente, desempenha função de vigia da consciência. Ele fornece identidade e continuidade á personalidade. (HALL & NORDBY, 2000)

A função da consciência é reconhecer e interpretar o mundo exterior traduzindo-o criativamente para a realidade visível. (JUNG, 2000)

“As únicas coisas do mundo que podemos experimentar diretamente são os conteúdos da consciência.” (JUNG, 2000)

O ego é um fator complexo onde todos os conteúdos do consciente se relacionam. É o centro do campo da consciência e o sujeito de todos os atos conscientes do indivíduo. Ao ego refere-se as experiências de vontade, desejo, reflexão e ação que um indivíduo tem. Não há conteúdo consciente que não tenha sido apresentado previamente ao ego, pois a ligação com o ego é condição *sine qua non* para tornar qualquer coisa consciente, seja uma percepção, sentimento, pensamento ou, mesmo, fantasia. Quando um conteúdo é tomado e refletido pelo ego pode-se afirmar, então, que este conteúdo pertence ao campo da consciência, pois assim mesmo funciona o ego, como um espelho no qual a psique se reflete e se torna consciente. Assim como conteúdos podem ser retidos na consciência, podem ser eliminados pelo ego que reprime aquilo que é desagradável, intoleravelmente penoso e incompatível com outros conteúdos. Assim como pode também resgatar conteúdos que foram armazenados no inconsciente desde que não estejam bloqueados por mecanismos de defesa. Sendo o centro da consciência, o ego é um centro energético que movimenta e organiza os conteúdos mediante suas prioridades; é também a estrutura responsável pela tomada de decisão e livre-arbítrio. É uma estrutura executiva. (STEIN, 2006)

“Sem um Ego, para avaliar a experiência, haveria apenas uma instintividade cega. A pessoas age sem nenhum discernimento, faz coisas e nem se dá conta do que está fazendo. Não está ciente de seus atos.” (RABELO, 2010)

O ego é o que diferencia os seres humanos de outros animais que também possuem consciência e também diferencia o ser humano individualizado de outros seres humanos, já que ele é um agente individualizante. Assim como a consciência, o ego também transcende. (STEIN, 2006)

Os conteúdos que fizeram parte da história do indivíduo e não atingiram a consciência devido à pouca carga de energia vão para o inconsciente pessoal. O inconsciente pessoal é um nível

da mente contíguo ao ego onde são armazenados todos os conteúdos que não foram aceitos pelo ego ou conteúdos que tenham sido conscientes, mas foram reprimidos ou desconsiderados. Quando existe a necessidade, os conteúdos do inconsciente pessoal têm fácil acesso à consciência. O inconsciente pessoal tem papel fundamental na produção de sonhos. Por exemplo, experiências que passaram despercebidas durante o dia podem aparecer num sonho. Os sonhos contêm imagens e associações de pensamentos que não foram criados pela intenção consciente; ele é um produto natural e objetivo da psique que expõe as tendências básicas do processo psíquico. (HALL & NORDBY, 2000) (JUNG, 2011)

Segundo Jung (2011) o inconsciente compreende, além do material reprimido, “*todo o material psíquico que subjaz ao limiar da consciência*” ou, do contrário, o ser humano teria uma memória fenomenal.

O inconsciente pessoal tem a possibilidade de reunir conteúdos formando um aglomerado ou constelação denominado ‘complexo’. O complexo é um composto de imagens associadas a memórias congeladas de momentos traumáticos que foram armazenados no inconsciente e não são de fácil acesso pelo ego. Os complexos são considerados como o caminho para o inconsciente. A emoção é o fator responsável pela união de tais fatores. Os complexos têm um arquétipo como núcleo e em torno deste concentram-se pensamentos e idéias influenciados pelas emoções. Por exemplo, uma pessoa dominada por um complexo materno forte torna-se sensível a tudo que a mãe diz ou sente e sua imagem sempre estará gravada em sua mente. Quanto mais forte o complexo, mais forte é a sua restrição sobre a liberdade do ego. (HALL & NORDBY, 2000) (STEIN, 2006)

Os complexos são estruturas autônomas e quando são inteiramente inconscientes, eles atuam livremente podendo, até mesmo, dominar o ego. É o caso de quando há possessão do complexo sobre o ego e há mudança de comportamento ou alteração da consciência sem precedentes. Quando tal possessão acontece, o ego é enganado e induzido a pensar que está expressando-se livremente. Em tais acontecimentos a pessoa não se dá conta do que acontece ou sente como se houvesse sido, realmente, possuída. Um exemplo desse nível de manifestação do inconsciente é a Síndrome de Tourette. Os complexos são objetos do mundo interior e deles depende o bem-estar da vida do indivíduo. (BETTELHEIN, 1980) (STEIN,2006)

O inconsciente coletivo também é uma parte da psique, mas diferentemente do inconsciente pessoal, que existe devido às experiências pessoais, o inconsciente coletivo não passaram pelo campo da consciência não tendo sido adquiridos, mas herdados. Os complexos são os conteúdos mais presentes no inconsciente pessoal e no inconsciente coletivo são os arquétipos que mais o preenchem. (JUNG, 2007)

Em seu livro “A natureza da psique” (2000) Jung diz que o inconsciente coletivo é constituído de algo semelhante a imagens e temas de natureza mitológica e, por isso, os mitos são uma projeção do inconsciente coletivo. Dá-se aí a importância das lendas, contos de fadas e personagens históricos. O inconsciente coletivo é influenciado pelas percepções introspectivas inconsciente desses conteúdos. Os primitivos criaram os mitos como forma de explicar os processos físicos. O inconsciente coletivo é uma herança do desenvolvimento da humanidade que renasce e todo ser humano. Ao contrário da consciência que é um fenômeno efêmero responsável por orientações e adaptações aos momentos, o inconsciente coletivo tem natureza universal e é uma fonte de força instintiva da psique encerrada em arquétipos.

A mente herda as características que determinam as reações do indivíduo diante as experiências da vida e determinando, às vezes, os tipos de experiências que ele terá. Assim, o ser humano está diretamente ligado, não somente ao próprio passado, mas também ao passado de toda sua espécie. O inconsciente coletivo estimula um padrão comportamental pré-formado sob o qual a pessoa terá influencia desde o seu nascimento. (HALL & NORDBY, 2000)

Denomina-se ‘Arquétipos’ os conteúdos do inconsciente coletivo. Eles são universais, o que significa dizer que todos os indivíduos herdam as mesmas imagens arquetípicas básicas e estes influenciam no comportamento do indivíduo e da coletividade.

A palavra arquétipo vem das raízes ‘Arché’ (principal) e ‘Typos’ (impressão, marca) e significa primeiro modelo ou imagem. O arquétipo encerra motivos mitológicos que surgem em contos de fadas, mitos, lendas e folclore. (JUNG, 2007)

“Um arquétipo é uma forma de pensamento ou de comportamento, um símbolo das experiências humanas básicas, que são as mesmas para qualquer indivíduo, em qualquer época e qualquer lugar” (JUNG, 1984)

Marie-Louise Von Franz (1990) explica o arquétipo como um sistema energético relativamente fechado através do qual os aspectos do inconsciente coletivo se expressam. É um impulso psíquico de caráter específico que tem seus efeitos produzidos num único raio de irradiação e um campo magnético que se expande em todas as direções, dessa forma, um sistema arquetípico particular se relaciona com outros arquétipos. Os arquétipos são todos contaminados um pelo outro. Um arquétipo só passa a parecer desvinculado dos outros quando a consciência o seleciona.

“O conceito de arquétipo [...] deriva da observação reiterada de que os mitos e os contos da literatura universal encerram temas bem definidos que reaparecem sempre e por toda parte. Encontramos esses mesmos temas nas fantasias, nos sonhos, nas ideias delirantes e ilusões dos indivíduos que vivem atualmente. A essas imagens e correspondências típicas, denomino representações arquetípicas.” (JUNG, 2006)

O consciente e o inconsciente existem num estado de interdependência, de forma que o equilíbrio de um depende do equilíbrio do outro. A diminuição ou danificação na conexão entre os dois gera doença e ausência de significação.

2.2 Os Arquétipos nos Contos de Fadas

Marie-Louise Von Franz (1915) diz que os contos de fadas são os mais valiosos materiais para a investigação do inconsciente, pois são a expressão mais pura e simples dos processos psíquicos advindos deste. Os contos de fadas representam os arquétipos em sua forma mais plena, concisa e simples e, por isso, fornecem as melhores pistas para a compreensão dos processos da psique coletiva.

“O inconsciente coletivo é um reservatório de imagens latentes, em geral denominadas ‘Imagens Primordiais’ por Jung”. (HALL & NORDBY, 2000)

Essas imagens primordiais são herdadas do passado ancestral e dizem respeito ao desenvolvimento mais primitivo da psique. Tais imagens dão ao homem muitas predisposições para agir, pensar, sentir e perceber de maneiras específicas. As experiências do indivíduo determinam o desenvolvimento e expressão dessas predisposições. Os conteúdos do

inconsciente coletivo são denominados arquétipos e eles estimulam um padrão pré-formado de comportamento pessoal. (HALL & NORDBY, 2000)

Quando contos de fadas são contados para as crianças, elas se identificam com os arquétipos mais presentes em sua estrutura psicológica e se envolvem com a atmosfera e sentimento da história de forma que o conto lhes sirva como um modelo para a vida. (VON FRANZ, 1915)

“A histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem.”
(CORSO & CORSO, 2006)

2.3 Peter Pan

“Todas as crianças crescem, exceto uma.” (BARRIE, 2011)

Quem, na sua infância, não ouviu falar do menino que não queria crescer? Criados por James Matthew Barrie, os personagens Peter Pan, Sininho, Wendy e o Capitão Gancho estão gravados desde sempre em nosso imaginário e acabaram, assim, por se tornarem figuras arquetípicas.

J. M. Barrie teve a ideia de criar a Terra do Nunca em Londres quando conheceu os irmãos Llewelyn Davies que, em breve, perderiam o pai e a mãe. O nome Peter Pan provém de duas fontes: o nome Peter vêm do irmão mais velho, Peter Llewelyn Davies, e o nome Pan vem do malévolo deus grego das florestas. Há, também, a possibilidade de que a história tenha sido inspirada no irmão mais velho de Barrie, David, que faleceu acidentalmente aos 13 anos de idade enquanto patinava no gelo, e, porque havia morrido com tão pouca idade, não cresceria, seria eternamente jovem. Essa ideia serviu de inspiração para o autor. O personagem Peter Pan começou a aparecer em 1902 no livro *The Little White Bird*, seguido do livro *Peter Pan in Kensington Gardens* em 1906 e, finalmente, em 1911 o autor publicou o romance *Peter and Wendy* que se tornou um célebre conto infantil.

Peter Pan nasceu em Londres, mas não se sabe o dia nem se sabe muito sobre os seus pais também, já que ele fugiu de casa no dia seguinte ao seu nascimento após ter ouvido seus pais discutindo sobre o seu futuro, sobre o que ele poderia ser quando crescesse. A ideia de se tornar adulto lhe causou aflição, já que seu desejo era ser eternamente criança e, então, antes que ele viesse a formar vínculo com seus pais, decidiu fugir para Kensington Gardens. (JAMES, 2011)

Peter costumava frequentar a casa dos Darling, mas numa de suas visitas, um acidente fez com que ele perdesse sua sombra e, para resgatá-la, tem que entrar no quarto e, então, é surpreendido por Wendy. Desejoso de providenciar uma mãe para os Meninos Perdidos, ele convida Wendy para ir para a Terra do Nunca com ele. Por exigência dela, seus dois irmãos viajam junto com eles. Desde o primeiro encontro Sininho percebe o envolvimento amoroso em Peter e Wendy, o que a deixa com ciúmes. Na terra do nunca, os irmãos Darling vivem inúmeras aventuras e fantasias que ultrapassam a barreira do “faz de conta” e passam a ser vivenciadas. Na derradeira luta contra o Capitão Gancho, Peter Pan o vence e toma o comando do seu navio usando para levar os irmãos Darling de volta para casa a pedido de Wendy, já que ela havia percebido que depois de algum tempo na Terra do Nunca, seus irmãos havia esquecido de sua verdadeira mãe. Na volta para casa, o Senhor e a Senhora Darling se surpreendem em receber não somente os seus filhos de volta, mas também os Meninos Perdidos que encontram nesse lar a possibilidade de crescerem. Peter Pan volta para a Terra do Nunca, onde vive jovem eternamente e, de tempos em tempos, retorna à casa de Wendy para visitá-la, mais tarde à sua filha, depois à sua neta e assim por diante. (CORSO & CORSO, 2006)

Peter Pan recusa-se a crescer a assumir as responsabilidades próprias da sua idade. Ele deseja ser eternamente criança e não quis revelar sua idade a Wendy alegando que se sentia desconfortável em encarar situações ou questões relacionadas ao envelhecimento. Ele também acha difícil admitir que tenha fraquezas e, quando Wendy o pega chorando por não conseguir remendar sua sombra, ele nega que estivesse chorando e alega nunca ter chorado na vida. Ele diz não ter desejo nenhum de ter uma mãe declarando que as mães são pessoas muito superestimadas, mas mesmo negando essa necessidade, ele e os Meninos Perdidos precisam de algum nível de proteção. Ele acha que Wendy pode desempenhar essa função protetora e, então, a manipula para que ela aceite a proposta de ser mãe deles. Peter é um estereótipo

exagerado de um menino arrogante e descuidado. Ele exige muita atenção e se aborrece com facilidade de forma que aqueles que o cercam se cansam com suas exigências. Ele abomina a idéia de ter uma rotina e é bastante contraditório nos seus gostos; aquilo que lhe apraz num dia, pode não lhe ser de agrado no dia seguinte. (JAMES, 2011) (CORSO & CORSO, 2006)

Mitologicamente, Peter Pan está relacionado a personagens de excessos juvenis, ao menino eterno, ao jovem deus que morre e renasce: Baco/Dioniso, Ícaro, Faetonte, Narciso e Adônis. Está relacionado também ao mensageiro dos deuses, que transita livremente entre o divino e o humano. A história escrita por Barrie estimula uma polarização entre juventude e maturidade, entre mocinho e bandido, tendo Peter Pan como líder das forças do bem e da juventude idealizada e o Capitão Gancho representando tudo quanto é ruim e adulto ou tudo que é ruim porque é adulto. (YEOMAN, 1998)

2.4 Peter Pan e O Arquétipo do Puer Aeternus

Ela (Sra. Darling) se levantou com um grito, e viu o menino, e de certa forma soube, no mesmo instante, que aquele era Peter Pan. [...] era bem parecido com o beijo da sra. Darling. Era um menino encantador, vestido com folhas secas e com os sucos que escorrem dos troncos das árvores; mas a coisa mais arrebatadora nele era o fato de que ainda tinha todos os dentes de leite. (BARRIE, 2011)

Quando a senhora Darling conhece Peter Pan ela fica fascinada, assim como todas as mulheres, incluindo fadas e sereias, pois ele conserva um sorriso cativante típico de uma criança. Peter Pan representa o filho idealizado, com o qual todas as mulheres sonham. Essa idealização do filho perfeito pode ser vista no “beijo guardado” que a senhora Darling guardava no cantinho do seu sorriso. Esse “beijo guardado” é o verdadeiro amor da mãe que é guardado para o filho devoto que se resigna a nunca crescer. (CORSO & CORSO, 2006)

Pode-se, aí, identificar um fator importante presente na personalidade do Puer Aeternus que é o complexo materno. Em “Símbolos da Transformação” (1999) Jung fala que o Puer é um parasita da mãe que só vive se estiver enraizado ao corpo materno. Hillman (1926) conceitua o complexo materno como uma formulação personalizada da relação entre matéria e espírito, de forma a dizer que o espírito não pode se apresentar, ter efeito ou ser real, exceto no que diz

respeito à matéria. Ainda segundo o autor, o desenvolvimento da consciência do puer não se dá para fora da matéria nem contra ela, mas sim envolvido com ela. Aqui ele considera matéria como sendo a mãe e o espírito como sendo o filho, de forma a entender que sem o vínculo à mãe, o filho puer não pode existir.

Jean-Yves Leloup, em seu livro *Caminhos da Realização* (1999), diz que a mãe para a criança “*é o seu mundo, é o seu corpo*” e há na criança um desejo de unidade com a mãe que gera plenitude. Ao mesmo tempo em que nasce este desejo, também nasce o medo da separação da mãe. Para crescer, é necessário que a criança separe-se de sua mãe e, caso essa separação não aconteça, ela “*ficará sempre uma criança*” e não se diferenciará, ou seja, não se conectará com o arquétipo *Senex*.

O vínculo inicial entre mãe e filho torna-se um liame emocional que determina a vida do Puer. Tudo, então, gira em torno do olhar aprovador ou desaprovador da mãe. O forte vínculo emocional do Puer com a mãe dá a ele uma sensação de ser especial e diferente. Quando longe da mãe, ele sente-se incapaz de caminhar com as próprias pernas, enfrentar os riscos e desafios da vida, incapaz de vivenciar os erros e os triunfos e, também, a plenitude da vida. Dessa forma ele se dissocia dos seus sentimentos e para manter-se protegido do sofrimento, de forma inconsciente, ele se vale da possibilidade do abandono, da rejeição e decepção. (YEOMAN, 1998)

Em “Arquétipos e o inconsciente coletivo” (2007) Jung descreve a neurose o ‘filho da mãe’ como sendo uma conspiração secreta entre a mãe e o filho onde um ajuda o outro a mentir diante a vida. O filho tem o desejo de tocar a realidade, mas esse impulso encontra-se paralisado pela lembrança secreta de que a mãe lhe dá de presente o mundo e a felicidade. Sendo assim, aquilo que ele deve enfrentar e alcançar nunca é totalmente verdadeiro, pois exige força e coragem e isso só seria possível se ele aceitasse esquecer a mãe e viver a dor de abandonar o primeiro amor de sua vida.

Esse tipo de Puer Aeternus é convencido de que é muito especial e, por isso, está acima de tudo, num reino de ideologia e fantasia. A vida está sempre em débito com ele. Von Franz (1992) diz que “muitos puer aeterni não conseguem sequer ser infelizes! [...] antecipam a decepção para não sofrer o golpe, e isso é uma recusa a viver”.

Peter não apenas não tinha mãe: não tinha o menor desejo de ter uma mãe. Achava que as mães eram pessoas superestimadas. (BARRIE, 2011)

A mãe que Peter Pan queria era uma mãe que tivesse sempre a “janela aberta” para que seus filhos voltassem quando desejassem, mesmo que eles a tivessem feito sofrer com seu abandono. Assim como conta a Wendy, Peter fugiu de casa no dia seguinte ao seu nascimento após ouvir seus pais conversando sobre o que ele seria quando crescesse. Então, quando ele resolveu voltar, percebeu que a janela estava fechada e que havia outra criança em seu lugar. Ele se decepcionara e, já que tinha uma mãe que era o contrário do que desejava, decidiu não crescer mais, permanecendo no seu mundo de fantasia. (CORSO & CORSO, 2006)

O abandono caracteriza-se como a maior adversidade que Peter Pan enfrenta. A experiência precoce do abandono se manifesta nos traços característicos da personalidade do puer moldado pelo complexo materno negativo. Essa experiência provoca efeito negativo na capacidade de confiar de Peter Pan. Dessa forma ele deposita pouca confiança nas pessoas, desconfia da maternidade, das mães, em particular, da mãe de Wendy, a sra. Darling; desconfia também da própria Wendy quando faz o papel de mãe dos meninos perdidos. Toda essa falta de confiança associado ao seu senso de independência é resultado do seu medo de experimentar novamente o abandono. (YEOMAN, 1998)

Quando ele ia pulando a janela, Nana a fechara rapidamente, tarde demais para pegá-lo, mas sua sombra não tivera tempo de escapar; a janela bateu com força e separou os dois. (BARRIE, 2011)

Tudo o que tem substância tem uma sombra. Todo indivíduo possui um ego e uma sombra. A sombra desenvolve-se com naturalidade em todas as crianças durante a formação da personalidade. A sombra é um subproduto natural da construção do ego, na qual é depositado as qualidades negligenciadas, reprimidas e inaceitáveis. (ZWEIG e ABRAMS, 1991)

Jung (1995) diz que “a sombra tem efeito mortal quando existe pouca força vital ou pouca consciência para concluir a obra heroica”.

A psicóloga Ana Elizabeth Rabelo (2010) diz que a negação da existência da sombra é a maneira mais comum de lidar com os aspectos negativos inerentes à personalidade como

falhas, defeitos e falta de qualidades, mas “A sombra é inerente à Psique; mesmo sendo reprimida ou negligenciada, não pode ser eliminada.”

O apego de Peter Pan com a sua sombra concerne a uma identificação inconsciente do ego com a sombra e essa identificação explica sua falta de auto-reflexão sem o qual não é possível desenvolver-se em autoconhecimento nem pode ser criado o desejo da mudança. Peter Pan e sua sombra são totalmente indiferenciados e unidos. Enquanto sua sombra não for vista, ele continua sendo um personagem fictício. (YEOMAN, 1998)

Se Peter chegou a pensar alguma coisa, e não creio que tenha pensado, foi que ele e sua sombra, quando se tocassem, acabariam se unindo como gostas de água; quando isso não ocorreu, ficou apavorado. Tentou colar a sombra com sabonete do banheiro, mas isso tampouco deu certo. Um tremor percorreu seu corpo, e ele sentou no chão e chorou. (BARRIE, 2011)

A sombra torna a pessoa mais sensível a influências pessoais ou coletivas que despertam e revelam-lhe tendências ocultas que não são, necessariamente, negativas, mas que podem acabar sendo quando reprimidas. Quando esses conteúdos inconscientes passam à luz da consciência, o indivíduo pode perceber e vivenciar os contrários. (CHEVALIER, 2009)

A diferenciação da sombra é uma função da consciência egóica e é um passo inicial no desenvolvimento da personalidade. Tornar-se consciente dos conteúdos da sombra é indispensável no processo de autoconhecimento e, por sua vez, fator importante do processo de individuação. Contudo, para o Puer Aeternus, tornar-se mais consciente significa entrar mais na realidade, ou seja, perder as ilusões. Perder as ilusão e estar mais presente na realidade significa crescer. A não diferenciação da sombra impede o Puer de caminhar em direção à individuação. (YEOMAN, 1998) (VON FRANZ, 1992) (RABELO, 2010)

Então Wendy viu a sombra no chão, com uma aparência de coisa encharcada, e ficou terrivelmente condoída por Peter. [...] Por sorte ela logo soube o que era preciso fazer. – É preciso costurar! (BARRIE, 2011)

Peter pan corresponde à fantasia que a menina recorre para imaginar seu futuro de ser uma mulher que tem ao seu lado um homem que a proteja, mas, ao mesmo tempo, seja dependente dela. Assim, quando Wendy se propõe a ajudar Peter a prender sua sombra de volta pode-se observar, pelo seu impulso cuidador, a identificação de Peter Pan como a possibilidade de realização de sua fantasia. Peter, por sua vez, tem uma identificação inconsciente com o lado

materno de Wendy, já que sua busca por uma mãe é eterna. Na verdade, essa identificação não é tão recente, já que ele já a observava há algum tempo pela janela de seu quarto. (CORSO & CORSO, 2006) (YEOMAN, 1998)

Depois que Wendy conseguiu costurar a sombra de Peter à ele, ele a magoou quando, presunçosamente, se vangloriou do resultado tomando como sua a idéia que Wendy tivera.

Que esperto que sou! – vangloriou-se, jubiloso. (BARRIE, 2011)

Segundo Laura James (2008), traços fortes de narcisismo estão relacionados a perturbações nos primeiros cuidados na infância como doenças, adoção ou divórcio. No caso de Peter, ele nem mesmo recebeu primeiros cuidados já que ele fugiu de casa no dia seguinte ao seu nascimento. Os indivíduos narcisistas buscam atenção e, se não conseguem uma atenção positiva, se comportam mal, já que a atenção negativa ainda é uma forma de atenção. Vê-se isso quando Peter finge que vai embora para que Wendy lhe dê atenção e, diante o resultado negativo, ele a chuta para que ela o olhe e ele possa retratar-se por ter sido presunçoso.

- Wendy – ele continuou com uma voz à qual nenhuma mulher jamais foi capaz de resistir -, Wendy, uma menina vale mais do que vinte meninos. (BARRIE, 2011)

Segundo Jung (1999), o complexo de Don Juan é um dos distúrbios típicos do homem que não se separou da mãe. No complexo de Don Juan, a imagem da mãe como imagem de mulher perfeita que dá tudo ao homem é procurada em todas as mulheres. O homem com esse complexo procura uma mãe-deusa, mas como a atração por tal tipo de mulher acontece, primeiramente, pela sexualidade, logo que ele percebe que ela é um ser humano comum a paixão desaparece e ele vai em busca de outra mulher que corresponda à tal imagem. Como diz Von Franz, este homem “eternamente sonha com a mulher maternal que o tomará nos braços e realizará todos os seus desejos”.

O arquétipo do Don Juan trata-se de um padrão de personalidade caracterizado pelo narcisismo e uma forte compulsão para sedução. A pessoas identificada com este arquétipo é passional, inescrupulosa, hedonista e faz de tudo para conquistar a pessoa desejada. Também é característico da personalidade Don Juan o desprezo para com o sentimento alheio, que pode ser critério para caracterizar uma atitude sociopática ou anti-social. Existe um interesse maior

de sedução quando a situação é proibida, ou seja, com uma mulher casada, uma freira, etc. (BALLONE, 2008)

Vê-se que Peter Pan, apesar de ter fugido de casa no dia seguinte ao nascer e dizer-se independente da necessidade de uma mãe, não se separou da mãe porque apresenta, em sua relação com Wendy, essa busca por uma mãe-deusa. Ele vale-se da sedução e de sua vaidade para convencer Wendy a aceitar assumir o papel de mãe dos garotos perdidos e fugir para a Terra do Nunca com ele. Contudo não se pode definir Peter Pan como uma personalidade Don Juan, uma vez que ele não abandona Wendy, mas, ao contrário, leva-a para a Terra do Nunca com ele.

Já que o problema das ilusões infantis não foi elaborado, somente reprimido, o Puer tem certeza de que seu desejo de amor e seus ideais nunca serão satisfeitos. Isso é uma convicção do ego de forma a camuflar que, em seu interior, ele está mergulhado nessas ilusões infantis: o desejo de ter uma mãe que o ame ou de felicidade. Por não ter resolvido esse problema, o indivíduo permanece revivendo essas ilusões regredindo a essas lembranças até que alguém o puxe para fora delas adequadamente. Quando Wendy cede às tentativas de Peter de conquistá-la e se deixa convencer a ir para a Terra do Nunca com ele e ser mãe dos Garotos Perdidos ela se encaixa naquilo que ele busca, alguém que o ame e lhe cuide. Fica implícita que ela tem essa atitude maternal quando ela, espontaneamente, costura a sombra de Peter nele. (VON FRANZ, 1992)

O Puer evita o confronto da fantasia com a realidade e, por isso, ele subestima as experiências da vida. Ele é impecável no trabalho de fantasiar um caso de amor, mas não consegue vivenciá-lo na realidade, estando bloqueado para a realização psicológica. Ele vivencia uma certa quantidade de experiências instintivas de forma dissociada das suas fantasias, separa seus sentimentos de suas ações. Enquanto não encontra a mulher perfeita que represente a sua idealização de figura materna, ele não se abstém de manter relações sexuais com outras mulheres. Contudo, ele não vive essas experiências totalmente, pois se mantém no pensamento de que isso não é o que ele esperava, mas que precisa ceder aos instintos. Ele vive a experiência física, mas psicologicamente permanece intocado. Por isso pode-se dizer que há certa inocência nele. (VON FRANZ, 1992)

Esse tipo de pessoa costuma não conseguir confiar nem amar as pessoas. Através da transferência é que essa pessoa começa a ter esperança e a possibilidade de confiar e amar alguém, contudo, seu primeiro relacionamento é completamente infantil. Tanto que Peter Pan acredita que um beijo é um dedal. (VON FRANZ, 1992)

Da mesma forma que o Puer não vive totalmente uma relação amorosa, assim também o é em outros setores de sua vida. Ele pode ter um ótimo emprego e aparentar ser bem-sucedido, mas na verdade, ele está cindido de sua sombra. Esse tipo de pessoa tem talento para representar papéis e representam, inclusive, para si mesmos convencendo-se de que estão vivendo, mas, inconscientemente, não estão satisfeitos ou sentindo-se verdadeiramente vivos, pois está vestindo uma fantasia. Dessa forma, a experiência não tem valor significativo, pois não está vinculada a uma percepção emocional do seu significado. (VON FRANZ, 1992)

A Terra do Nunca é um paraíso infantil repleto de alegria, aventura e juventude; é o reino da fantasia do Puer. Nenhum desenho da terra do Nunca é capaz de representar o mapa da mente infantil. O Puer compreende tudo sobre a realidade e a transforma em fantasia, por isso ele não consegue cruzar a fronteira entre a fantasia e a ação. (YEOMAN, 1998) (VON FRANZ, 1992)

Quando nela se brinca, de dia, com as cadeiras e a toalha de mesa, a Terra do Nunca nada tem de assustador, mas nos dois minutos antes de adormecer torna-se quase, quase real. (BARRIE, 2011)

A Terra do Nunca é um reino atemporal de ciclos sem fim, onde parece não haver a consciência da dor ou do progresso, e é amoral, pois, apesar de apresentar um ciclo infindável de liberdade e aventura e ser um lugar de luz e libertação, não está livre do mal, da crueldade e da violência. As más ações que o ego ético condena dificilmente evocam tristeza ou remorso, como o ataque do Capitão Gancho aos índios ou a morte dos piratas. (YEOMAN, 1998)

2.5 Puer x Senex

Gancho ou eu, desta vez! (BARRIE, 2011)

O lado sombrio do arquétipo infantil é manifestado por uma moralidade primitiva e indiferenciada que se apega ao passado, às tradições e às leis naturais. Esse lado sombrio de Peter Pan se expressa através do Capitão Gancho.

O Capitão Gancho é um notório pirata que comanda o navio “Jolly Roger” que permanece ancorado na baía da Terra do nunca. Peter Pan é o maior inimigo do Capitão Gancho e em todas as suas aparições durante a história ele expressa sua aversão pelo seu oponente e planeja sua aniquilação.

No meio do grupo podia ser vista a maior e mais negra joia daquela coleção obscura: o Gancho [...] Esse homem terrível tratava seus homens e lhes dirigia a palavra como se estivesse lidando com cachorros. Era um sujeito de rosto cadavérico e pele morena [...] Seus olhos eram azuis como uma pétala de não-me-esqueças e expressavam sempre uma profunda melancolia. [...] Nas maneiras, uma gota de nobreza ainda corria em suas veias. [...] não menos que a distinção de sua conduta, demonstrava que ele pertencia a uma casta com a qual seus homens não tinha ligação alguma. [...] Mas o que havia de mais pavoroso nele era, sem dúvida, a garra de ferro. (BARRIE, 2011)

A malvadeza do Capitão Gancho e sua garra de ferro é símbolo do soberano, impotente e deformado. Um rei desgastado e estéril. A personalidade do capitão aponta uma inter-relação complexa, indiferenciada e obscura entre as qualidades do feminino e do masculino. Ele é tão educado e elegante quanto cruel e sinistro. Nega os próprios sentimentos, mas enxuga uma lágrima furtiva com sua garra de ferro. Sua masculinidade nasce da própria recusa em aceitar sua feminilidade. (YEOMAN, 1998)

Se o Capitão Gancho for um representante do pai enquanto espírito, então sua função é ser oposto à instintividade pura representada por Peter Pan. Como Puer e Senex, menino e ancião, Peter Pan e Capitão Gancho não atingiram um grau de diferenciação que permita que um se relacione com o outro como aspectos distintos, mas complementares. Os dois persistem numa estado de inimizade total e indiferenciada essencial à estabilidade de ambos. Essa inimizade entre os dois figura uma metáfora sobre o inconsciente em conflito consigo mesmo. (YEOMAN, 1998)

O Senex está associado à imagem do velho sábio, o rei velho e castrador. É a figura ancestral, solitária, cheio de virtudes morais, silencioso. Ele é frio, distante, vagaroso e, ao mesmo

tempo, melancólico, impotente, petrificado em repetições doentias. O Senex está associado à imagem de Saturno, um receptáculo das imagens tanto das polaridades negativas quanto positivas. Está associado à viuvez, à falta de filhos, à orfandade, ao abandono de crianças. Ele diz respeito às velhas atitudes e aos antigos hábitos. Como imagem ele é o sempre imutável, engolindo suas próprias possibilidades de mudança. O temperamento do senex é frio, por isso ele é considerado como distante. Essa frieza é refletida também na realidade ficando clara a sua distância dos aspectos fantasiosos da vida. Sua relação com a sexualidade é dual, sendo ele o patrono dos eunucos e celibatários; seco e impotente. O Senex não se relaciona bem com o feminino e, por isso, nunca está a favor de alguma mulher. O Senex é o princípio arquetípico da frieza, do exílio da vida, da dureza. (HILLMAN, 1998)

A dualidade dentro do próprio Senex resulta em problemas intensamente difíceis no processo de individuação. O problema psicológico crucial expresso nos aspectos positivos e negativos do arquétipo Senex, velho sábio e ogro, emerge da divisão fundamental entre senex e puer dentro do mesmo arquétipo. Atitudes e comportamento negativo decorrem desse arquétipo dividido, enquanto atitudes e comportamentos positivos refletem a união. Sendo assim, a diferença entre os aspectos positivos e negativos do senex refletem a divisão ou conexão dentro do arquétipo puer-senex. (HILLMAN, 1998)

Tanto Gancho quanto Pan têm poderes extraordinários, mas sofrem de uma solidão desesperada e autodestrutiva. Gancho é capaz de matar a juventude que ele inveja e Peter é impiedoso e cruel com velho que ele tanto odeia. (YEOMAN, 1998)

O arquétipo fixado somente em sua polaridade positiva ou negativa resulta numa impossibilidade de auto-realização, uma vez que não pode conectar-se com sua outra parte e então diferenciar-se.

3. Conclusão

Na história criada por Barrie não há um modelo de libertação do espírito masculino da matéria, da mãe. Não há uma figura paterna positiva que possibilite a ruptura entre o puer e a matriz materna ou que promova a iniciação à independência e maturidade. Sendo assim, a luta entre Peter Pan e o Capitão Gancho é essencial na definição do primeiro como a juventude e a alegria em oposição ao outro como senex. (YEOMAN, 1998)

O puer e o senex são, na verdade, duas metades de um único arquétipo. Os diferentes aspectos desse arquétipo são dados por coordenadas polares e cada pessoa escolhe apenas uma metade: masculino/feminino, bom/mau, saudável/doentio, vida/morte. Em função de sua natureza dupla o arquétipo junta duas pessoas com seus papéis-metade, paralisadas, repetitivas, irredimíveis. Essas diferenças, aparentemente extremas, são essenciais para a unidade puer-senex. Ao polarizarem-se em extremos a igualdade aparece claramente. Somente quando estão próximos do ponto médio há conflito verdadeiro. Busca-se, então, a despolarização das metades possibilitando uma mistura entre os dois, transformando o conflito dos extremos em união dos iguais. O anseio pela cura pede que as duas extremidades mantenham-se juntas. A união dos opostos não é a única que redime, há também a união dos iguais. (HILLMAN, 1998)

Segundo Werres (2008), uma relação ideal entre estas duas polaridades arquetípicas, na qual senex e puer estão em equilíbrio, permite que fatos se transformem em experiências e a realidade seja vivida criativamente, abrindo espaço para a transformação do que é velho em novas possibilidades, conduzindo ao amadurecimento e à ampliação da consciência.

O filho deve se separar da mãe, mas precisa também se diferenciar do pai e se definir em termos de sua própria energia fálica. O puer tem que resistir ao senex, mas da mesma forma que são obrigados a definir-se em oposição um ao outro, devem se realizar um por meio do outro. Esse movimento da libido requer um apoio feminino positivo que possibilite ao ego confiança para abdicar da autonomia com a fé de que esta sobreviverá. O puer que se envolve unicamente com o aspecto negativo do arquétipo puer-senex permanece sendo o filho da mãe, identificado com um feminino negativo, incapaz de confiar na vida. Este jamais se tornará o

herói que diz ser, rompendo com a inércia representada pela adesão infantil a um estágio anterior de desenvolvimento. (YEOMAN, 1998)

“A união dos opostos não é uma questão racional e muito menos uma questão de vontade, mas um processo de desenvolvimento psíquico.” (JUNG, 1984)

No fim da história escrita por James Matthew Barrie, Peter Pan reina supremo. Ele adota alguns atributos óbvios do Capitão Gancho, mas o verdadeiro potencial do capitão como arquétipo senex fica esquecido. Peter Pan não se reconcilia com sua outra parte a qual o Gancho representa.

A parte senex a qual Peter Pan deveria integrar à sua personalidade permanece separada dele pelo complexo materno não resolvido, ou seja, é reabsorvida pela matriz materna do inconsciente que é representada pelo crocodilo. Assim, como o Puer tem sua parte masculina expressa através da mãe, ao negar-se à união com seu polo oposto (senex) ele deixa se expressá-lo por si próprio e o ciclo do masculino reinicia-se sem ser transformado, continua infantil.

Uma vez que o Puer não torna-se autônomo com a parte masculina da sua personalidade e não é capaz de expressá-la ele também não é capaz de tornar-se adulto permanecendo, assim dependente da mãe.

4. Referências

BALLONE, G. J; MOURA E. C. **Síndrome de Don Juan e “Ficar com”** – in. PsiqWeb. Internet, disponível em < <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=172>>. Revisto em 2008.

BARRIE, James Matthew. **Peter e Wendy seguido de Peter Pan em Kensington Gardens. Tradução de Rodrigo Breunig.** Porto Alegre, RS: L&PM, 2011. 256p.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mario. **Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis.** 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 328p.

FRANZ, Marie-Louise Von. **Puer Aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância.** São Paulo: Paulus, 1992.

FRANZ, Marie-Louise Von. **A interpretação dos contos de fada.** São Paulo: Paulus, 1990.

HALL, Calvin Springer; NORDBY, Vernon J. **Introdução à Psicologia Junguiana.** São Paulo: Cultrix, 2000.

HILLMAN, James. **O Livro do Puer: ensaios sobre o arquétipo do Puer Aeternus.** São Paulo: Paulus, 1998.

JAMES, Laura. **O Lobo Mau no Divã.** Rio de Janeiro: Best Seller, 2008. 256p.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da Transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Obras completas de Carl Gustav Jung, Volume 5.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999. 544p.

JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e o inconsciente coletivo. Obras completas de Carl Gustav Jung, Volume 9.** 5 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. 450p.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique. Obras completas de Carl Gustav Jung, Volume 8/2.** 5 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **A Dinâmica do Inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões.** 13 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

LELOUP, Jean-Yves. **Caminhos da Realização: dos medos do eu ao mergulho no ser.** 19 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o Tarô: Uma jornada arquetípica.** 9 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

PAVONI, Amarílis. **Os contos e os mitos no ensino: uma abordagem junguiana.** São Paulo: EPU, 1989.

RABELO, Ana Elizabeth Castelo Branco. **Individuação: Adão alienado, Cristo reconciliado.** 1 ed. São Paulo: Iglu, 2010.

STEIN, Murray. **Jung: O Mapa da Alma: Uma introdução.** 5 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

YEOMAN, Ann. **Agora ou na terra do nunca: Peter Pan e o mito da eterna juventude: Uma visão psicológica de um ícone cultural.** São Paulo: Cultrix, 2002.

WERRES, Joyce L. A Contemporaneidade na perspectiva do puer-senex. In: MONTEIRO, Dulcinéia, M. P.(Org). **Puer-Senex.** Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2008.

ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah. **Ao Encontro da Sombra: O potencial oculto do lado escuro da natureza humana.** São Paulo: Cultrix, 1994.